

Sarney, homem representativo

AUSTREGESILO
DE ATHAYDE

Ao coro das lamentações e preces formado pela unanimidade do País, de olhos voltados para o Instituto do Coração, manejos procrastinadores da ciência moderna, máquinas substituindo a função dos órgãos naturais, surge outro coro: o dos que, preocupados antes de tudo com os interesses vitais do País, pedem que a vida retome o seu ritmo e não haja mais demora no processo de implantação do que está sendo convencionado chamar a Nova República. Não aprecio a denominação, exceto pelo aspecto de que seja uma fórmula de despertar esperanças, por vezes ingênuas, mas sempre vigoradoras do ânimo do povo. A novidade será a volta à democracia, com os poderes do Estado harmônicos e independentes, postos a exclusivo serviço de interesse público. Expurgando-se da Constituição, por uma simples reforma, as excrescências do autoritarismo que vicejaram no compasso dos últimos vinte anos.

O presidente José Sarney ora substituído, amanhã sucederá por força da lei, e é com ele que a Nação conta, não só pelos imperativos legais que nos regem, como também pela certeza de que possui as qualidades morais e intelectuais, asseguradas por uma larga experiência política e administrativa que o capacita para conduzir o Brasil, nesta hora particularmente aflitiva. A bonança não revela os grandes estadistas. Esses aparecem quando, desencadeadas as tempestades, reclama-se do capitão as virtudes memoráveis daqueles a quem o destino, em seus mistérios, entrega a salvação dos povos. São muitos e felizes os exemplos de nossa história, quando o espírito conciliatório e o patriotismo bem inspirado, no Império e na República, prevaleceram sobre as dissensões internas e o divisionismo debilitador.

Tancredo é o símbolo quase milagroso na união, e não há outra maneira de honrá-lo senão pelo cumprimento das normas estruturais que propôs, em sua profunda vocação liberal. A mesma vocação de Sarney, senhor de todos os títulos que o credenciam para realizar a etapa conclusiva e consolidadora do processo de democratização, legado alvissareiro de João Figueiredo, que a malevolência passional não pode escamotear a sua merecida glória. Foi feito o desbravamento do caminho entulhado de percalços deformadores da tradição brasileira, a melhor de todas. O estandarte de renascimento está nas mãos hábeis e capazes de um piloto de largo tirocínio. O dever de todos é o de acompanhá-lo lealmente na jornada, fortalecido pela confiança enaltecida.